

# OS VÁRIOS MODOS DE SER NU<sup>1</sup>

Roberta Pires de Oliveira  
Meiry Peruchi Mezari

## 1 AS FORMAS DE SER NU (OU SER VESTIDO)

O primeiro aspecto que parece ser necessário para a compreensão das questões discutidas neste livro é o entendimento do que seja um nominal nu. Há, porém, várias formas de entendermos o que é um nominal nu, porque há vários sistemas de sintagmas nominais nas línguas naturais e diferentes teorias para explicar a sintaxe e a semântica desses sintagmas. Assim, como veremos, ao longo dos capítulos deste livro, não apenas há várias maneiras de entendermos o que é um sintagma nu – que aparece exemplificado em itálico nas sentenças de (1) a (5) a seguir – mas há, também, várias maneiras de explicarmos esses nominais. Sem dúvida alguma, porém, apesar das divergências teóricas, todos os estudiosos do tema concordam que nos exemplos a seguir há expressões nuas, que estão em itálico:

- (1) *Lagartixa* é um bicho nojento.
- (2) *Cachorro* late.
- (3) Vi *filme* ontem a tarde inteira.
- (4) *Mulheres* choram à toa.
- (5) Comprei *laranjas* na feira.

As expressões sublinhadas são nuas porque não têm um determinante aparente, foneticamente realizado, quer definido, como ‘a’ ou ‘as’ em ‘a lagartixa’ ou ‘as lagartixas’, quer indefinido como ‘uma’ em ‘uma lagartixa’ – isso é, o nome (ou substantivo, na terminologia da gramática tradicional) não vem acompanhado de artigo, por isso o sintagma é chamado nu. Os sintagmas “pelados” podem vir acompanhados de adjetivos – por exemplo, em (1) podemos acrescentar ‘grande’ após ‘lagartixa’, obtendo ‘lagartixa grande’. O ponto crucial é que nominais nus não têm artigo algum na sua realização superficial.

Na posição teórica mais extrema sobre os nominais nus, estão aqueles que acreditam que há sempre uma projeção de determinante, isto é, que na forma lógica não há na verdade nudez alguma (por exemplo, LONGOBARDI (1994)), porque mesmo que não ouçamos o determinante que está encabeçando o sintagma, ele está presente. Assim, nessa vertente teórica, nas sentenças acima há um determinante na forma lógica. O problema dessa visão é explicar a imensa variação entre as línguas. Por exemplo, no karitiana (língua da família Arikém, tronco Tupi, falada por cerca de 400 pessoas em Rondônia, no Brasil), os sintagmas nominais são todos aparentemente nus; nessa língua não há nenhum determinante aparente. Haveria, então, inúmeros determinantes ocultos nas formas lógicas das sentenças dessa língua? Ou seria o caso de que, nessa língua, os sintagmas nominais são todos predicados? De qualquer modo, ser um nominal nu no português brasileiro contemporâneo é estar em uma posição muito diferente no sistema de determinantes dessa língua do que aquela ocupada pelo

---

<sup>1</sup> Este livro e as pesquisas que o constituem são frutos do apoio financeiro advindo do projeto de Cooperação Internacional CAPES-COFECUB intitulado “Nominais nus no português brasileiro: a interface sintaxe-semântica” (projeto número 345-09), coordenado por Roberta Pires de Oliveira no Brasil e Carmen Dobrovie-Sorin na França. Todos os autores deste livro estão ligados a esse projeto, que está disponível no sítio: [www.barenominals.ufsc.br](http://www.barenominals.ufsc.br)

nominal nu no karitiana, porque o português tem um sistema de determinantes completo: temos, inclusive, o determinante com o nome de massa genérico, como em (6):

(6) *O leite faz bem à saúde.*

Esse tipo de sintagma, veremos adiante, não ocorre no inglês. Além disso, como mostram os exemplos de (1) a (5), temos tanto o nominal nu plural, como em (4) e (5), quanto o nominal nu sem flexão de número, como de (1) a (3). O nominal nu ocupa, ainda, outra posição em uma língua como o kriyol (língua resultante do pidgin nascido do contato com o português europeu utilizado entre os séculos XVI e XVII na costa ocidental da África), em que há um único determinante aparente, o indefinido ‘un’, que, como podemos ler no artigo de Alain Kihm, só tem leitura específica.

Como dissemos, há dois blocos de nominais nus nos exemplos de (1) a (5): aqueles em que há morfologia de número, como ‘mulheres’ e ‘laranjas’, e aqueles em que não há morfologia de número aparente, como ‘lagartixa’ e ‘filme’. A literatura já apontou que há uma relação estreita entre ser nu e ter ou não flexão de número. No karitiana e também no kriyol não há flexão de número. Logo, não parece ser adequado nomear os sintagmas nus dessas línguas de sintagmas singulares, precisamente por que não há singular ou plural. Para o caso do português brasileiro (PB de agora em diante) estamos diante de uma primeira questão: seriam os sintagmas de (1) a (3) nomes singulares, já que no PB o singular não é expresso abertamente por um morfema? Ou seriam esses nomes contáveis, embora sem flexão de número? Ou seriam esses nomes não contáveis? Nesse caso, eles seriam gramaticalmente semelhantes aos nomes de massa nus, exemplificados em (7):

(7) *Leite faz bem à saúde.*

Encontramos, na literatura, tanto posições que afirmam que os casos exemplificados de (1) a (3) teriam em seu núcleo um nome nu contável, neutro para número, que é diferente do nome de massa nu (MUNN; SCHMITT, 2005; entre outros) – logo há uma diferença entre esses sintagmas e o sintagma em (7) em que o núcleo é um nome de massa – quanto posições que afirmam que os sintagmas de (1) a (3) e o sintagma em (7) são um mesmo tipo de nominal: um nome de espécie/gênero (PIRES DE OLIVEIRA; ROTHSTEIN, 2010). Essa, porém, é apenas *uma* dentre as questões que os nominais nus colocam.

Um dos textos fundadores da pesquisa sobre os nominais nus nas línguas naturais é a reflexão de Carlson (1977a, 1977b) sobre o plural nu no inglês. Nela, o autor afirma que o plural nu é um nome próprio de espécie. Antes de descrevermos melhor a sua contribuição, vamos notar que o nominal nu no inglês não tem a mesma posição no sistema de determinantes dessa língua que o nominal nu no PB, porque não há no inglês uma forma que corresponda ao que vemos exemplificado de (1) a (3) – o nu não contável –, mas há o massa nu, como em (8):

(8) *Milk is healthy.*  
‘leite é saudável’

Só que, no inglês, o nome de massa, quando em contexto genérico, não pode vir acompanhado de artigo definido, o que ocorre no PB. Em outros termos, (6) é uma sentença aceitável no PB, mas sua tradução literal para o inglês gera uma sentença agramatical:

(9) \**The milk is healthy.*  
‘o leite é saudável’

No inglês não há o nome de massa genérico definido, isso é, em que o determinante aparece explicitamente.

Em meio a essa grande diversidade de sistemas de sintagmas nominais nas diferentes línguas, Chierchia (1998) propôs um parâmetro semântico para organizar as possibilidades desses sintagmas através das línguas. No artigo de Ronald Taveira da Cruz, o leitor encontra uma descrição detalhada dessa proposta. Em linhas básicas, Chierchia propõe que os nominais nus ou denotam indivíduos – que na semântica são representados pelo tipo e de entidade – ou denotam propriedades – que na semântica são funções que têm como domínio os indivíduos e contradomínio valores de verdade, por isso seu tipo semântico é

$\langle e, t \rangle$ , de entidades para valores de verdade (onde o  $t$  representa *truth*, ‘verdade’). Um teste para sabermos se um determinado sintagma nominal denota indivíduos é avaliar se é possível combiná-lo com predicados de espécie: ‘... é um bicho nojento’ é um predicado de espécie e a posição em aberto é preenchida pelo nominal nu ‘lagartixa’ na sentença em (1). Logo, no PB, o nome nu não contável pode denotar um indivíduo. No entanto, se traduzimos a sentença em (1) tal e qual para o inglês, produzimos uma sentença agramatical, (10a); como já vimos, só o plural nu pode ocupar posição argumental em inglês, (10b):

- (10) a. \*Lizard is a disgusting animal.  
‘lagartixa é um bicho nojento’  
b. Lizards are disgusting animals.  
‘lagartixas são bichos nojentos’

Assim, apenas o plural nu denota um indivíduo espécie no inglês. Mas ele denota a espécie sempre? Ou em alguns contextos ele denota um predicado? Em particular, será que ele denota um predicado quando está em posição argumental? Há aqui uma divergência entre autores que afirmam que o plural nu sempre denota espécie – Carlson (1977a, 1977b), Chierchia (1998) e Rothstein (2010), entre outros – e aqueles que dizem que o plural nu pode denotar espécie ou ser um predicado – Diesing (1992), Kratzer (1995), entre outros.

Como veremos, essa é uma questão muito importante na discussão sobre os nominais nus e ela aparece nos vários artigos deste livro. Os nominais nus que interessam nas pesquisas que aqui se apresentam são aqueles que estão – aparentemente – na posição de argumento do verbo, isso é, na posição de sujeito ou de objeto de um verbo, preenchendo uma de suas valências. Há, porém, pelo menos duas formas de analisarmos o que isso significa: (i) esses nominais estão na posição de argumento porque saturam a valência do verbo com uma expressão que denota um indivíduo; ou (ii) eles estão na posição de argumento, mas apenas contribuem com uma variável que pode ser fechada por diferentes tipos de quantificadores<sup>2</sup> Nesse último caso eles são predicados. É claro que é possível combinar essas duas funções afirmando que o nominal nu em certos contextos denota um indivíduo e em outros um predicado. Certamente, quando o nominal nu satura um predicado de espécie, como nos exemplos (1) e (10b), ele denota a espécie, logo, ele certamente denota um tipo de indivíduo: o indivíduo espécie. Mas o que dizer de sentenças genéricas como (2) e (4), em português, ou (11), em inglês?

- (11) Women cry for nothing.  
‘mulheres choram por nada’

---

<sup>2</sup> Neste artigo vamos ignorar a saturação através de sintagmas quantificados, expressões como ‘todos os homens’ ou ‘algum homem’.

Contra-pondo-se à abordagem de Carlson e Chierchia, autores como Diesing (1992) e Kratzer (1995), entre outros, defendem que o plural nu em contextos como (11) são predicados, denotam conjuntos de indivíduos e não um indivíduo em particular. *Grosso modo*, para (11) temos, na forma lógica, algo como:

(12) x é mulher; x chora por nada

Isso porque temos dois predicados: ‘women’ (mulheres) e ‘cry for nothing’ (chora por nada). Se observamos a representação em (12), notamos que as variáveis estão livres, afinal, não há nenhum quantificador presente, prendendo a variável. No entanto, na sentença em (11) temos a expressão de uma generalização; a sentença afirma algo como: em geral, se algo é mulher, esse algo chora. A literatura entende que há um operador genérico, GEN, na forma lógica, provavelmente dado pela morfologia de presente, que fecha então a variável. Nesse caso, a forma lógica de (11) seria<sup>3</sup>:

(13) GEN (x;) [x é mulher; x chora por nada]  
Em geral, se algo é mulher, esse algo chora

Essa é a forma lógica atribuída a (11) pelos ambigüistas, aqueles que acreditam que o plural nu em inglês é ambíguo entre nome de espécie, como em (10b), e predicado, como em (11). Para os neo-carlsonianos, a derivação semântica que nos permite chegar à interpretação de (11) é diferente. Chierchia (1998), por exemplo, entende que o nominal ‘women’ (mulheres) denota a espécie Mulher, através de um operador chamado *down*, que transforma um predicado em um nome de espécie. Nesse caso, haveria, então, um desacordo entre o predicado, ‘chorar por nada’, e o fato de que o nominal denota a espécie. Chorar muito não parece ser uma propriedade da espécie, mas sim uma propriedade dos espécimes, dos indivíduos que pertencem àquela espécie. Por isso, Chierchia entende que temos uma nova operação que agora transforma a espécie Mulher em um predicado de espécime que será então fechado pelo operador genérico. Essa operação de subir do indivíduo espécie para o predicado é chamada de *up*. Grosseiramente, temos, para (11), a seguinte forma lógica:

(14) GEN (x;) [ $\cup$  x é mulher; x chora por nada]  
Em geral, se algo é um espécime da espécie mulher, então esse algo chora.

Note que as formas lógicas não dizem exatamente a mesma coisa. As duas posições teóricas aparecem na descrição do nominal nu sem número do PB: Schmitt & Munn (1999), entre outros, defendem que o nominal nu neutro para número denota espécie, seguindo Carlson e Chierchia, ao passo que Müller (2002) defende que ele é um predicado.

Independentemente dessa e de outras disputas teóricas que vemos emergir no estudo dos nominais nus nas diferentes línguas, é fácil notar que o PB é uma língua que aceita mais possibilidades de nominais nus do que o inglês, o francês e o romeno, por exemplo, já que nessas línguas não há formas como ‘lagartixa’ em posição de argumento, embora haja o plural nu e o nome de massa nu. Já dissemos que as línguas diferem muito quanto às possibilidades de sintagmas nominais, e a parametrização semântica proposta por Chierchia é uma maneira de organizar essas diferenças. Essa parametrização, no entanto, se mostrou inadequada em vários aspectos, por exemplo, ela não espelha diferenças como a existência do nominal nu não contável no PB e sua inexistência no inglês, já que ambas seriam, na classificação de Chierchia, línguas [+arg; +pred], isso é, uma língua em que os nominais nus podem tanto denotar indivíduos, quanto ocupar a posição de predicado, como no uso predicativo: ‘João é

<sup>3</sup> Sobre o operador genérico, uma boa introdução é Krifka *et al.* 1995.

aluno’, ‘John and Bill are students’. Segundo a classificação de Chierchia, o chinês é uma língua [+arg; –pred] porque os nominais nus denotam sempre um indivíduo espécie; além disso, o chinês não tem morfologia de número. Nesse quadro teórico, o karitiana pertenceria à mesma classe do chinês, porque, além de só ter nominais nus, não tem flexão de número.<sup>4</sup> Mas, diferentemente do chinês, o karitiana não tem classificadores e essa diferença não é captada pela proposta de Chierchia. Ainda nessa classificação, o francês, o romeno e o espanhol – também o italiano – seriam línguas [–arg; +pred] porque não permitem nominais nus em posição argumental e têm flexão de número. Traduzir (1) sem adaptações para essas línguas produz sentenças agramaticais, como já mostrado para o inglês em (10a). Essa classificação, porém, não capta o fato de que há nominais nus em espanhol e romeno em posição argumental, ainda que com restrições, ao contrário do francês, que não licencia nenhum nominal nu.

A representação a seguir procura ilustrar uma forma de organizar as línguas, tendo como ponto médio o PB, porque nele o sistema de possibilidades parece estar completo: temos sintagmas encabeçados por artigos definidos e indefinidos para todos os tipos de nomes, isto é, contáveis e massa, inclusive o definido antes de nome de massa, e temos todas as possibilidades de nominais nus, que ocorrem aparentemente livres ou com poucas restrições. Se nos movermos para a esquerda, vamos em direção a línguas que só têm nominais nus e o sistema morfológico no sintagma nominal se empobrece, por exemplo, não há flexão de número. No extremo à esquerda temos o karitiana, que só tem nominais nus, sem flexão de número, sem marcação de caso, sem classificadores. Essa é uma língua em que a única informação semântica veiculada pelo sintagma nominal é a informação sobre a propriedade que o/um(s) objeto(s) tem. Se nos movemos para a direita, em relação ao português, caminhamos em direção à presença obrigatória de determinantes, sendo o francês o caso extremo, porque essa língua proíbe todos os nominais nus. Simultaneamente, línguas mais à direita são línguas com mais informações veiculadas pelo sintagma nominal.



Apenas nomes nus invariáveis (sem flexão).	Apenas nomes nus. Presença de marcas morfológicas: caso, número, classificador...	Presença de um único determinante .	Sistema completo (artigos, determinantes, flexão, plural e singular nu).	Sistema de artigo, com uso restrito: não há “singular” nu.	Sistema de artigo com uso restrito: plurais nus menos restritos que o singular nu.	Impossibilidade de nome nu.
karitiana	latim, russo, chinês	kriyol	português brasileiro	inglês	espanhol, romeno	francês

No extremo oposto do francês, o karitiana não tem qualquer determinante aparente e tampouco morfologia de número ou projeção de um classificador. Diferentemente do PB, o karitiana não distingue ‘laranja’ de ‘laranjas’, por exemplo. Nessa língua, não há artigos, nem quantificadores, nem demonstrativos. Assim, todas as sentenças em karitiana têm o seguinte padrão:

(15) Nome Verbo Nome.  
homem caça onça

<sup>4</sup> Como veremos, Müller & Bertucci não adotam a proposta de Chierchia, porque eles defendem que no karitiana os nominais nus sempre denotam um predicado.

Deixando de lado as questões ligadas ao verbo e, portanto, as flexões de tempo, uma sentença da forma em (15) traduz todas as sentenças do português apresentadas abaixo e várias outras:

- (16) a. O homem caça a onça.  
b. Um homem caça uma onça.  
c. Os homens caçam todas as onças.  
d. Alguns homens caçam aquela onça.  
e. Homem caça onça. (...)

Como podemos ver nas traduções acima, essa língua não veicula definitude (ou indefinitude), por isso a sentença em (15) pode ser traduzida tanto por (16a), em que os sintagmas são definidos, quanto por (16b) em que eles são indefinidos ou por quaisquer combinações desses sintagmas. Não há tampouco marcas de singular ou de plural, nem gênero, nem há marcas de caso (nominativo, acusativo, como era o caso do latim, uma língua que também não tinha determinantes aparentes, mas tinha morfologia de caso). Por isso dissemos que o karitiana é uma língua que está no outro extremo das possibilidades de ter ou não determinantes abertamente realizados: o extremo da ausência. Como no chinês, nessa língua não há nem artigos nem flexão de número, mas diferentemente do chinês, o karitiana não tem classificadores. O chinês é um caso já bem descrito na literatura – embora ainda haja muita controvérsia sobre como explicá-la, sabemos que os nominais são nus, que não há flexão de número, mas também que eles vêm acompanhados de classificadores, que permitem, entre outras funções, a individualização e a contagem. Ao invés de uma forma como em (15), o chinês tem a seguinte estrutura:

(17) Nome+(classificador) Verbo Nome+(classificador).<sup>5</sup>

Assim, em um espectro de variações, o karitiana está na ponta menos “gramaticalizada”, com menos informações léxico-morfológicas veiculadas no nome. O latim tem caso e o chinês tem classificadores.

O karitiana é investigado em dois capítulos deste livro. Ana Müller & Roberlei Bertucci discutem como é o sintagma nominal nessa língua e se detêm nas noções de definitude e indefinitude. Eles avançam a hipótese de que esse sintagma, que é sempre nu e sem qualquer flexão de número ou projeção de classificador, é um predicado que denota cumulativamente – isso é, ele é massivo. Além disso, não há determinantes encobertos encabeçando o sintagma, eles são antes predicados cujas variáveis são fechadas por quantificadores que vêm de outras partes da gramática, como por exemplo, da flexão temporal. Nesse sentido, a hipótese teórica avançada nesse artigo bate de frente com a proposta de Longobardi (1994), que afirma que todo sintagma tem uma projeção de determinante. Luciana Storto se debruça sobre essa mesma língua observando mecanismos no verbo que permitem identificar se se tratam de leituras de eventos plurais. O verbo parece ser, pois, uma possível fonte de restrição de interpretações do sintagma nominal.

Muito próxima ao karitiana, encontramos a língua kriyol, analisada no capítulo de Alain Kihm. Como bem nota o autor, não é possível falarmos em singular nu nessa língua, porque quase todos os sintagmas são nus e não há morfologia de número. Há apenas um determinante realizado abertamente, *un*, que, diferentemente do indefinido no português, sempre tem leitura específica e não é obrigatório. Estamos, pois, caminhando na direção de mais informações veiculadas no sintagma nominal. Diferentemente dos demais artigos deste livro, Kihm se filia a uma tradição que entende que não há estruturas escondidas ou

---

<sup>5</sup> Não estamos aqui comprometidas com a ordem dos constituintes. Essa é uma representação bem rudimentar.

encobertas, que o que se tem na sentença é o que se tem na interpretação. Como no karitiana, a questão que se coloca é: se praticamente só temos sintagmas nus, como os falantes interpretam as sentenças da sua língua? Adotando a proposta da gramática de construções, Kihm mostra que a interpretação é regida por informações vindas de vários lugares da gramática e pela pragmática. Por exemplo, a presença de uma flexão perfectiva no verbo, direciona, mas não determina, uma interpretação definida do objeto. Há, também, pistas dadas pelos próprios nominais: nominais que denotam propriedades dos humanos são mais facilmente interpretados como definidos. E, finalmente, a interpretação depende crucialmente dos mecanismos pragmáticos de inferência.

O francês está no outro extremo da variação, porque essa é a língua mais restrita com relação à presença de nominais nus: o nominal nu, não importa de que tipo, é absolutamente proibido em posição argumental. Nessa língua, o sintagma nominal carrega informação sobre número e sobre definitude. Embora haja algumas expressões idiomáticas em francês com nominais nus, as sentenças de (1) a (5) são agramaticais nessa língua. Não é possível dizer em francês (18a). Haveria, segundo Claire Beyssade, duas possibilidades de traduzirmos (2) para o francês, ou utilizando o singular definido, como em (18b) ou o plural definido, como em (18c):

- (18) a. \*Chien aboue.  
'cachorro late'
- b. Le chien aboue.  
'o cachorro late'
- c. Les chiens aboue.  
'os cachorros latem'

Assim, podemos dizer que o francês é uma língua que exige a presença do artigo (definido ou indefinido), a marcação de número e de definitude. O capítulo de Beyssade discute em detalhe a semântica desses sintagmas definidos genéricos, mostrando que eles não ocorrem no francês exatamente nos mesmos contextos. Para explicar as diferenças de ocorrência do definido genérico singular e do definido genérico plural, Beyssade se insere na vertente carlsoniana, já que ela defende que esses sintagmas sempre denotam a espécie, mas o fazem através de operações semânticas distintas: o sintagma com o artigo definido singular, 'le chien', denota a espécie enquanto um indivíduo atômico; o definido plural, 'les chiens', por outro lado, denota a soma máxima de indivíduos em um contexto. Assim, (18c) veicula semanticamente que a soma máxima de cachorros no contexto tem a propriedade de latir. Segundo a autora, a interpretação de espécie de (18c) é gerada por enriquecimento pragmático. A referência direta à espécie é feita apenas em (18b).

Entre o karitiana e o francês, há muita possibilidade de variação, e o PB se destaca das demais línguas românicas, diferindo substancialmente do português europeu, por utilizar, com poucas restrições, o chamado "singular nu", exemplificado de (1) a (3) com os sintagmas 'lagartixa', 'cachorro' e 'filme', respectivamente. Já colocamos a questão sobre se de fato esses nominais são semanticamente singulares. O consenso na literatura é de que eles não são singulares; a disputa atual diz respeito a eles serem contáveis (MUNN; SCHMITT, entre outros) ou massivos (PIRES DE OLIVEIRA; ROTHSTEIN, 2010). Dois dos artigos deste livro tratam explicitamente do nominal nu não contável no PB, ambos preocupados com sua ocorrência na posição de objeto. Roberlei Bertucci propõe que esses sintagmas, na posição de objeto, são interpretados como predicados com denotação neutra. Para o autor, trata-se de um predicado contável que denota tanto os átomos do reticulado quanto as suas somas. Nesse sentido, sua proposta é de que esse sintagma é neutro para número. Se ele é mesmo um predicado, é preciso explicar como ele pode ocupar a posição de argumento, uma questão

deixada em aberto pelo autor, mas cuja solução pode ser lida nas entrelinhas: esse predicado vai ser fechado por um quantificador dado por algum outro elemento da sentença, no caso, provavelmente dado pelo aspecto. Outra solução, discutida neste livro por Ronald Taveira da Cruz, é entender que o nominal nu neutro para número na posição de objeto sofre incorporação semântica, isso é, o predicado denotado pelo nominal se funde ao predicado denotado pelo verbo, formando um novo predicado. Na sentença em (3), por exemplo, não teríamos mais ‘ver’ + ‘filme’, e sim o predicado ‘ver filme’, uma atividade particular que não é mais ver algo, mas ver filme. Taveira da Cruz mostra com clareza as duas posições quanto ao nominal não contável na posição de objeto: há aqueles que entendem que se trata de um argumento que denota a espécie e aqueles, como Bertucci, que entendem que se trata de um predicado. Apenas se consideramos que o nominal nu neutro é um predicado é que podemos aventar a hipótese de que temos incorporação. Como já vimos, além da incorporação é possível entender que há operadores encobertos que fecham essa variável. Um operador de hábito, por exemplo. Esse tipo de explicação se casa bem com a análise de Bertucci.

No quadro de línguas apresentado acima, o espanhol e o romeno estão entre o inglês e o francês, porque, diferentemente do francês, nessas línguas os nominais nus são permitidos e, diferentemente do inglês, eles têm distribuição restrita. O artigo de Carmen Dobrovie-Sorin, Tonia Bleam & Maria Teresa Espinal<sup>6</sup> permite notarmos com clareza o afastamento do PB das outras línguas românicas. As autoras mostram que, em romeno e em espanhol, sintagmas nominais nus são raros e sujeitos a restrições severas. Uma tradução sem adaptações das sentenças de (1) a (3) para essas línguas gera mais uma vez sentenças agramaticais. Para as autoras, o singular nu é entendido como um sintagma sem determinante e sem projeção de um núcleo gramatical de número. Em outros termos, o singular nu é contável, mas neutro para número. Elas mostram que há uma assimetria no comportamento do singular nu e do plural nu no espanhol e no romeno: embora ambos sejam restritos nessas línguas, o plural nu é menos restrito, já que ele pode ocupar a posição de argumento interno desde que não na posição pré-verbal. Assim ‘Niños chegaram’ é agramatical em espanhol, mas ‘Chegaram niños’ não, porque o plural nu está em posição pós-verbal. Essa parece ser a única restrição do plural nu; restrição que não ocorre no plural nu no inglês. Na proposta das autoras, os nominais nus são, como para Bertucci e Müller & Bertucci, predicados, mas não estão fechados por quantificadores sentenciais; antes, eles sofrem incorporação ao verbo. As autoras distinguem diferentes tipos de incorporação para poder explicar as diferentes distribuições do plural e do singular nu: a incorporação propriamente dita, que ocorre com o plural nu, e a incorporação semântica, que aparece com o singular nu. O singular nu só ocorre, nas línguas analisadas, com uma classe muito restrita de verbos, em particular os verbos leves. Além disso, o uso do singular nu nessas línguas parece ser restrito a atividades culturalmente estabelecidas. Logo, ele não é produtivo, porque não pode ocorrer com qualquer predicado.

Esperamos que essa breve introdução tenha deixado claro que não há apenas vários modos de ser nu, porque os sistemas de nominais é distinto nas diferentes línguas, mas há, também, várias possibilidades teóricas para analisarmos o nominal nu. Pode ser que não haja uma explicação única para essa variedade de línguas, pode ser que em algumas línguas, o nominal nu denote um indivíduo, ao passo que em outras ele denote um predicado e em outras ainda ele seja ambíguo entre indivíduo e predicado.

## 2 A ORGANIZAÇÃO DOS CAPÍTULOS

---

<sup>6</sup> Este artigo é uma tradução adaptada do artigo em inglês, publicado pela John Benjamins, Dobrovie-Sorin *et al*, 2006. Agradecemos à editora por ter nos cedido o direito de traduzi-lo.

Embora seja possível ler os capítulos atentando para as línguas que eles analisam – português brasileiro, karitiana, kriyol, francês, espanhol e romeno –, optamos por agrupá-los levando em consideração questões teóricas. Iniciamos com o artigo de Beyssade porque nele há uma apresentação muito clara e fiel das ideias de Carlson, que, como já notamos, foi quem iniciou os estudos sobre os nominais nus, propondo que o plural nu no inglês sempre denota o indivíduo espécie. Na sua visão, o nominal ‘whales’, em (19), é um nome próprio da espécie baleia:

- (19) Whales are on the verge of extinction.  
Baleias estão em vias de extinção

Essa hipótese foi retomada recentemente por Chierchia (1998) em um artigo que ficou famoso não só por apresentar a hipótese do parâmetro semântico, que já discutimos brevemente, mas também porque ele propõe outros operadores – o operador *down* e o operador *up* – que transformam predicados plurais em indivíduos espécie e indivíduos espécie em predicados massivos, respectivamente. Essas operações são necessárias para explicar que o plural nu pode denotar a espécie, mas pode também ter uma leitura de espécimes, como vimos na rápida análise do exemplo em (11). Além dessas operações, Chierchia propõe ainda uma operação chamada de DKP – *derived kind predication* – para explicar os casos do plural nu em sentenças episódicas como, por exemplo, ‘Dogs are barking outside’ (Cachorros estão latindo lá fora), sobre o qual nada falamos.

Beyssade se debruça sobre esse artigo de Chierchia, mostrando que nele há uma confusão entre denotar a espécie enquanto uma singularidade e denotar a espécie enquanto a soma máxima de indivíduos que têm aquela propriedade. A autora mostra que, partindo de um predicado plural e aplicando o operador *down*, obtemos a soma máxima de indivíduos. Essa é, segundo a autora, a derivação semântica que explica o definido plural em francês. Mas podemos continuar a operar sobre essa soma máxima, transformando-a num grupo, uma unidade atômica, que só então denota a espécie. Essa distinção entre denotar a espécie via soma máxima e denotar a espécie via um indivíduo espécie atômico, diz a autora, explica os contrastes entre o definido plural e o definido singular no francês. Como já notamos, no PB temos tanto o definido genérico quanto o nominal nu sem flexão de número, exemplificados abaixo:

- (20) a. A baleia amamenta.  
b. Baleia amamenta.

Uma questão que se coloca na esteira desse capítulo é: a distinção proposta por Beyssade explicaria as diferenças, supondo que elas existam, entre esses dois sintagmas do PB? Há contextos em que esses nominais nus contrastam? Esses contextos são os mesmos em que o definido singular genérico e o definido genérico plural em francês contrastam?

O capítulo de Beyssade explora a vertente aberta por Carlson, para quem o nominal nu denota a espécie. Carlson (2006) entende que a incorporação ocorre apenas se houver restrições a ocorrência do nominal nu, por isso ele entende que nem o plural nu em inglês nem o nominal nu sem flexão de número no PB são incorporados. No capítulo de Dobrovie-Sorin, Bleam & Espinal, as autoras investigam as ocorrências restritas do nominal nu singular e do nominal nu plural no espanhol e no romeno, logo eles devem ser incorporados. A contribuição das autoras é mostrar que há diferentes tipos de incorporação. Segundo a descrição dessas autoras, o plural nu é menos restrito do que o singular nu, tendo como única restrição não ocorrer na posição pré-verbal. Já o singular nu só ocorre com alguns tipos de verbo e um dos objetivos desse capítulo é chegar a uma generalização sobre o tipo de verbo que licencia o

singular nu. Paralelamente a esse trabalho mais descritivo, as autoras propõem que as operações sintático-semânticas que esses nominais nus disparam são distintas. O plural nu é interpretado como um predicado que é fechado existencialmente, obtendo para a sentença ‘dormem niños’ a leitura: existem alguns indivíduos que são crianças e estão dormindo. Já o singular nu sofre uma incorporação semântica ao verbo, gerando um novo verbo. Trata-se de um mecanismo similar à composição morfológica, em que as partes se integram em um novo todo. Assim, nessa visão, um predicado como ‘compro casa’, denota o evento de comprar casa e não um evento de comprar algo, por isso a combinação de comprar com outros nominais nus não é produtiva. Não é possível dizer nem em espanhol nem em romeno a sentença ‘compro castelo’, porque comprar castelo não é uma atividade culturalmente estabelecida. Do ponto de vista linguístico, a sentença ‘compro castelo’ não é marcada no PB; ela é natural, ainda que vender castelos não seja uma atividade culturalmente estabelecida na nossa sociedade. Essa parece ser uma indicação de que não há incorporação semântica no PB.

A questão da incorporação semântica reaparece no artigo de Taveira da Cruz, dessa vez para explicar o nominal nu sem flexão de número, na posição de objeto, no PB. Como já apontamos, Carlson (2006) afirma que o nominal nu sem flexão de número no PB não pode ser incorporado porque ele não tem restrições de uso. Na contramão dessa posição, Saraiva (1997) defende que o nominal nu no PB sempre sofre incorporação sintática, de modo que o singular nu se gruda ao verbo formando um novo verbo. Certamente esse é o caso de ‘tomar café da manhã’, em que se pode tomar o café da manhã sem, no entanto, tomar café. Temos aqui uma expressão idiomática que, como sabemos, é uma incorporação. Mas será que sempre temos incorporação no PB? Taveira da Cruz mostra que essa pergunta só faz sentido para aqueles pesquisadores que abandonaram a hipótese de que o nominal nu denota a espécie, como é o caso de Müller. O autor procura defender a incorporação no PB é opcional. Embora o autor entretenha tanto a possibilidade do nominal nu denotar uma espécie quanto a possibilidade de ele se incorporar ao verbo, não discute a possibilidade de ele ser um predicado fechado por um quantificador dado por outro elemento da sentença. Essa parece ser a hipótese que sustenta a proposta de Bertucci.

Em seu artigo, Bertucci busca explicar o contraste que aparece entre as sentenças abaixo:

- (21) a. #João começou a vender a lata.
- b. João começou a vender lata.

Os nominais nus, quando em posição de objeto de predicados télicos, isso é, predicados que denotam eventos que têm um término natural – por exemplo, o evento de escrever um artigo tem um final natural que é o artigo pronto; compare com o evento de pular corda, que se encerra arbitrariamente no momento em que decidimos parar de pular corda –, têm a propriedade de suspender a telicidade do predicado. Em (21a), o sintagma definido na posição de objeto do verbo télico ‘vender’ impõe um final ao evento de vender que termina com a venda da lata. Já em (21b), o sintagma nu não impõe um final, abrindo a possibilidade de uma interpretação de hábito ou atividade. Essa diferença explica por que podemos combinar ‘começar’ com ‘vender lata’, mas não com ‘vender a lata’; já que ‘começar a’ indica o início de uma série de eventos. Como já apontamos, a solução de Bertucci é considerar que o nominal nu ‘lata’ denota um predicado cuja extensão contém tanto átomos quanto pluralidades, sendo, portanto, neutro para número e não quantizado. Já a presença do artigo definido indica que há um único indivíduo lata. Embora o autor não desenvolva, sua hipótese parece ser de que há operadores encobertos que fecham a variável do predicado denotado pelo nominal nu.

A hipótese de que o nominal *nu* denota um predicado cuja variável é fechado por um quantificador dado por algum outro elemento da sentença subsidia a análise de Müller & Bertucci para o karitiana. Nesse capítulo, os autores descrevem em detalhes o nominal *nu* no karitiana, defendendo a hipótese de que esses nominais são predicados cujas variáveis são fechadas por quantificadores adverbiais, que podem ser dados pela flexão do verbo. Assim, não há, nessa língua, sintagmas nominais que denotam indivíduos e tampouco parece haver incorporação. Os autores concentram-se no problema da definitude. Eles mostram que a noção primitiva na língua é de indefinitude: se nada houver, essa é a interpretação selecionada. A interpretação definida será dada por raciocínios pragmáticos.

A (in)definitude dos sintagmas nus é um ponto de contato entre os artigos que discutem o karitiana e o kriyol. Já dissemos que o kriyol tem um artigo, o indefinido, que sempre tem leitura específica. Kihm defende que os nominais nus sempre denotam um indivíduo – nesse sentido sua proposta difere da abordagem de Müller & Bertucci e se aproxima da vertente aberta por Carlson – e mostra que os diferentes componentes da sentença contribuem para termos uma interpretação definida do nominal. Por exemplo, o tempo verbal perfectivo é uma indicação de definitude, o uso de nomes humanos também. Mas, como já notamos, na proposta teórica desse autor não há operadores ou quantificadores encobertos, diferentemente do que propõem Müller & Bertucci. Mas em ambas a interpretação do nominal *nu* está ligada a interpretação de outros elementos sentenciais.

Finalmente, o artigo de Storto deixa ainda mais claro que não é possível olharmos apenas para o sintagma nominal se buscamos entender como funcionam as interpretações nas línguas naturais. A duplicação do verbo em karitiana veicula semanticamente que houve mais de um evento do tipo denotado pelo verbo. Ela indica, portanto, uma pluralidade de eventos, direcionando com isso também uma interpretação do sintagma nominal. A pluralidade de eventos exclui a leitura atômica do nominal *nu*.

Como já citamos no início dessa subseção, seria possível a organização dos capítulos deste livro agrupando-os de acordo com as línguas das quais eles tratam, mas eles foram agrupados de acordo com questões teóricas. Nada impede, porém, que o leitor trace seu próprio roteiro de leitura. Esperamos que as diferentes discussões teóricas abertas pelos capítulos desafiem o leitor a refletir sobre os problemas e a procurar entender melhor o português brasileiro, a única língua românica que tem o nominal *nu* sem flexão de número.

## **BIBLIOGRAFIA**

CARLSON, Gregory N. **Reference to kinds in English**. Dissertação. University of Massachusetts, 1977a.

\_\_\_\_\_. A unified analysis of the English bare plural. **Linguistics and Philosophy**. 1, p.413-457, 1977b.

\_\_\_\_\_. The meaningful bounds of incorporation. In: VOGELEER, Svetlana; TASMOWSKI, Liliane (Orgs.) **Non-definiteness and Plurality**. Amsterdam: John Benjamins, 2006. p.35-50.

CHIERCHIA, Gennaro. Reference to Kinds across Languages. **Natural Language Semantics**. 6-4, p.339-405, 1998.

DIESING, Molly. **Indefinites**. Cambridge, Mass: MIT Press, 1992.

DOBROVIE-SORIN, Carmen.; BLEAM, Tonia.; ESPINAL, Maria Teresa. Bare nouns, number and types of incorporation. In: VOGELEER, Svetlana.; TASMOWSKI, Liliane. (Orgs.) **Non-definiteness and Plurality**. Amsterdam: John Benjamins, 2006. p.51-80.

KRATZER, Angelika. Stage-level and Individual-level Predicates. In: CARLSON, Gregory N.; PELLETIER, Francis J. (Orgs.) **The Generic Book**. Chicago: Chicago University Press, 1995. p.125-175.

KRIFKA, Manfred.; PELLETIER, Francis J.; CARLSON, G.N.; MEULEN, A. Ter.; CHIERCHIA, G.; LINK, G. Genericity: an introduction. In: CARLSON, Gregory N.; PELLETIER, Francis J. (Orgs.) **The Generic Book**. Chicago: Chicago University Press, 1995. p.1-124.

LONGOBARDI, G. Proper names and the theory of N-movement in syntax and logical form. **Linguistic Inquiry**. 25, p.609-665, 1994.

MÜLLER, Ana. The Semantics of Generic Quantification in Brazilian Portuguese. **PROBUS**, n.14, p.279-298, 2002.

MUNN, Alan.; SCHMITT, Cristina. Number and Indefinites. **Lingua**. 115, p.821-855, 2005.

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta.; ROTHSTEIN, Susan. **Bare noun phrases are mass in Brazilian Portuguese**. Manuscrito. 2010.

ROTHSTEIN, Susan. Counting and the mass-count distinction. **Journal of Semantics**. 27(3), p.343-397, 2010.

SARAIVA, M. E. F. **Buscar menino no colégio**: a questão do objeto incorporado em português. Campinas: Pontes, 1997.

SCHMITT, Cristina.; MUNN, Allan. Against the nominal mapping parameter: bare nouns in Brazilian Portuguese. **Proceedings of NELS 29**. 1999.